



## EDITORIAL

**Helder Godinho e Carlos F. Clamote Carreto**

Direcção dos *Cadernos do CEIL*

*La fiction, par son existence même, témoigne du fait que notre vie durant nous restons redevables d'une relation au monde [...] beaucoup plus complexe, diversifiée et, somme toute, précaire. Mais elle fait plus que de témoigner de ce fait : elle est un des lieux privilégiés où cette relation ne cesse d'être renégociée, réparée, réadaptée, rééquilibrée – dans un bricolage mental permanent auquel seule notre mort mettra un terme.*

Jean-Marie Schaeffer, *Pourquoi la fiction ?*, p. 327<sup>1</sup>.

A propensão filo e ontogenética do homem para a ficção revela que a nossa ligação com o Real, com o Outro e até com a nossa própria identidade não traduz um processo estático nem mesmo uma relação de alteridade entre esferas possuindo cada uma a sua própria natureza apriorística ou imanente. Implica uma constante negociação no centro da qual a narrativa (seja ele verbalizada ou implícita) desempenha o importante papel de uma imagem-ecrã mediadora que filtra, reconfigura e reequilibra, como sugere Jean-Marie Schaeffer, incessantemente ambos os lados dessa equação cognitiva na qual se joga a relação do homem com o mundo.

O Mito, como discurso que reordena e recria, a partir do silêncio indiferenciado e, por vezes, tumultuoso, das origens, a relação do sujeito com o real e com o tempo, é uma das formas mais conhecidas desse «viver narrativamente»<sup>2</sup> que caracteriza o ser humano. Dedicar o número inaugural de uma revista consagrada aos Estudos sobre o Imaginário à problemática da mediação narrativa surgia assim como uma forma peculiar, embora discreta, de evocar o estatuto fundador e estruturante do mito, e de reiterar a vocação interdisciplinar dos *Cadernos do CEIL*.

Com efeito, a narrativa é, também ela, lugar por excelência da convergência de metodologias, saberes e visões do mundo. O conceito ricoeuriano de «identidade narrativa»<sup>3</sup> como espaço dinâmico de mediação e refiguração da experiência e do sujeito, com implicações tanto do ponto de vista ontológico como hermenêutico<sup>4</sup>, desempenhou, por exemplo, um papel decisivo na psicologia construtivista subordinada a uma abordagem interpretativa da cognição. Recordemos a noção de «paradigma narrativo» em Bruner<sup>5</sup>, a concepção do sujeito (patente em Sarbin<sup>6</sup>, entre muitos outros) como construtor de significados implicando uma compreensão de si e do mundo que passa pela produção/regulação de sistemas narrativos de significação que determinam toda e qualquer experiência humana, do sonho à mais

<sup>1</sup> Paris: Seuil, 1999.

<sup>2</sup> GONÇALVES, O. - *Viver narrativamente. A psicologia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto, 2000.

<sup>3</sup> RICOEUR, P. - *Soi-même comme un Autre*. Paris: Seuil, 1996, p. 175.

<sup>4</sup> Ver, entre outras, as reflexões em *Temps et récit I*. Paris: Seuil, 1983.

<sup>5</sup> *Actos de significado, para uma psicologia cultural*. Lisboa: Edições 70, 1990.

<sup>6</sup> «The narrative as root metaphor for psychology». In SARBIN, T. R. (ed) - *Narrative Psychology: The Storied Nature of Human Conduct*. New York: Praeger, p. 3-21.



racional das decisões, da fantasia ao acto de rememoração. Tal como no mito, a narrativização da experiência confere coerência e unidade ao real e ao tempo, permitindo transformar em acto orientado de significação um conjunto fragmentário e caleidoscópico de impulsos e percepções. Traduz a construção de um espaço relacional e representacional que simultaneamente põe em contacto (em comunicação) e protege, distanciando-o, o sujeito da experiência empírica (seja ela interior ou exógena), devendo a operação mimética (mais na acepção aristotélica do que platónica do termo) que está no centro deste processo verdadeiramente cognitivo ser entendida como autêntica modelização<sup>7</sup> do sujeito e do real e não simples reprodução criadora de simulacros.

Pela sua natureza transversal, a narrativa tem vindo, de resto, a assumir um estatuto epistémico susceptível de unificar vários campos do saber, diluindo fronteiras tantas vezes artificiais e equívocas. Vejam-se as investigações conduzidas no âmbito da linguística cognitiva e, mais precisamente, os estudos sobre a dimensão semântico-cognitiva de enunciados narrativos<sup>8</sup>. Vejam-se também as teses de Hayden White sobre o discurso histórico como meta-código e narrativa partilhada cujo objectivo último (senão primacial) é o de tornar a própria realidade desejável<sup>9</sup>. No domínio das neurociências, vejam-se ainda os importantes trabalhos de António Damásio sobre a relação simbiótica entre a consciência de si e a capacidade de organizar narrativamente (mesmo que essa narrativa seja não-verbal) as experiências através de mapas cerebrais. Talvez o facto de contar histórias seja assim uma autêntica «obsessão do cérebro»<sup>10</sup>, tão arcaica<sup>11</sup> como o próprio imaginário que funda, estrutura e percorre qualquer criação humana, da

<sup>7</sup> Ver SCHAEFFER, J.-M. - *Pourquoi la fiction*, p. 51-60 ; *Petite écologie des études littéraires. Pourquoi et comment étudier la littérature*. Paris: Éditions Thierry Marchaisse, 2011, p. 26.

<sup>8</sup> A dissertação de doutoramento recentemente defendida por Armindo José Baptista de Moraes (*Narrativas conversacionais. A introdução de enunciados narrativos em situação de interacção oral*, Lisboa, Universidade Aberta, 2010) é um bom exemplo da vitalidade e fecundidade deste domínio de investigação.

<sup>9</sup> «[...] the historical account endows this reality with form and thereby makes it desirable, imposing upon its processes the formal coherency that only stories possess. The history, then, belongs to the category of what might be called the "discourse of the real," as against the "discourse of the imaginary" or the "discourse of desire." The formulation is Lacanian, obviously, but I do not wish to push the Lacanian aspects of it too far. I merely wish to suggest that we can comprehend the appeal of historical discourse by recognizing the extent to which it makes the real desirable, makes the real into an object of desire, and does so by its imposition, upon events that are represented as real, of the formal coherency that stories possess» («The Value of Narrativity in the Representation of Reality». *Critical Inquiry*, Vol. 7, 1, 1980, p. 23-24).

<sup>10</sup> DAMÁSIO, A. - *O sentimento de si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Lisboa: Europa América, 2000, p. 221. Esta questão volta a desempenhar um papel central no *Livro da consciência* (Lisboa: Circulo dos Leitores, 2010) como lugar de uma indestrinçável união e interacção entre a mente e o corpo, como mediação indispensável entre o proto-eu (dos sentimentos primordiais), o eu-nuclear (ou material) e o eu autobiográfico: «A narrativa não-verbal desses fenómenos [de transformações do eu] que ocorrem continuamente representa de forma espontânea, na mente, o facto de que existe um protagonista a quem estão a acontecer determinadas coisas, sem esse protagonista o eu material. A representação da narrativa não-verbal simultaneamente gera e revela o protagonista, liga a esse protagonista as acções que estão a ser produzidas pelo organismo e, a par do sentimento criado pela ligação ao objecto, desenvolve também uma sensação de posse e de capacidade de acção» (p. 254).

<sup>11</sup> Uma arcaicidade de que dá conta a própria «revisão filogenética das formas de cognição» em Konrad Lorenz numa obra fundamental escrita em 1973 - *Die Rückseite des Spiegels. Versuch einer Naturgeschichte menschlichen Erkennens* - revisitada por Piroška Felkai na rubrica *Actualidades do Imaginário*.



obra literária ao paradigma científico, tão antiga e estruturante da nossa relação com o universo que se confunde com a construção da verdade cuja natureza reside talvez, antes de mais, na coerência das histórias que contamos de nós próprios a nós próprios e aos outros nessa narrativa eternamente reinventada e partilhada que tece a nossa identidade individual, cultural e histórica.

3

Nesta perspectiva, bem como no âmbito das investigações levadas a cabo pelo Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário, importa naturalmente destacar o papel insubstituível da representação literária que desde sempre (até porque aí reside a essência da ficção) intuiu o poder cognitivo, iniciático e transfigurador da narrativa. A Idade Média foi particularmente sensível a essa construção inteiramente discursiva do Eu e do Outro, como mostram claramente as reflexões de Ana Paiva Morais sobre a estrutura dialógica dos solilóquios em Santo Agostinho e no *Roman de Tristan* de Thomas d'Angleterre, ou ainda as observações de Carlos Carreto em torno das ramificações poéticas e imaginárias (com realce para a obra ímpar de Jean Renart) do *amor de lonh* onde a imagem do Outro no amor surge invariavelmente como uma elaboração ficcional, uma projecção da própria narrativa criada pelo sujeito sobre o Outro modelado (ou modelizado) por múltiplos filtros textuais e culturais. Mas não se esgota aí. Helder Godinho mostra assim que esta concepção do amor como imagem narrativa produzida por uma arquipersonagem é também uma vertente polarizadora na construção da significação na obra de Vergílio Ferreira, as reflexões de Ricardo Sangiovanni em torno do hegelianismo patente na *Promessa* evidenciando o dinamismo das investigações vergilianas no seio do próprio CEIL. Por sua vez, ao questionar a identidade da personagem no romance contemporâneo, Cristina Vieira regressa à problemática ricoeuriana da «identidade narrativa», uma identidade paradoxalmente definida (e ameaçada) pelas disseminações palimpsêsticas que a constituem. E se uma das características essenciais da ficção reside, segundo Jean-Marie Schaeffer, na «imersão mimética» como «modo de experiência específico e insubstituível»<sup>12</sup>, ou seja, como dispositivo cognitivo no qual o «faire comme si» desempenha um papel de primeira importância, José Manuel Pedroso relembra-nos, em «Del parchís a la montaña rusa» que também a actividade lúdica se constrói em torno de uma narrativa iniciática implícita donde volta a emergir a indissolúvel aliança entre ficção e cognição. Aliança que percorre e estrutura, de resto, o vasto e complexo universo textual do conto tradicional onde a imagem reunificada do Eu surge frequentemente no fim de uma reelaboração narrativa do tempo e da identidade que ecoa emblematicamente na lancinante pergunta que Maria, a heroína de «O príncipe Sapo» na versão de Leite de Vasconcelos, lança ao velho que lhe pede esmola: «E não viu nunca cousa alguma extraordinária que o maravilhasse e que mereça a pena contar-me?»<sup>13</sup>. Da escrita literária à narrativa cinematográfica, o texto de Ana Bela Morais percorre algumas das metáforas obsidianas de David Cronenberg onde a teia de aranha se torna labirinto análogo a uma narrativa intrincada e petrificante na qual o sujeito se enreda e perde nos limiares da loucura, impossibilitado de reinventar a sua história, ou seja, de produzir sentido.

Contudo, a montante destas variadas *Figuras* e figurações do imaginário, é imprescindível uma reflexão constante e renovada sobre o próprio conceito de Imaginário. É este desafio (com os perigos que lhe são inerentes) que nos lançam tanto o artigo de Joël Thomas, convidando-nos a ouvir, na rubrica *Traços*, «o canto

<sup>12</sup> Ver, por exemplo, *Petite écologie des études littéraires*, op. cit., p. 106, 111.

<sup>13</sup> Desta problemática dá conta a nota de Teresa Gonçalves de Castro sobre a sua dissertação de Doutoramento *Metamorfose e construção da identidade na colectânea de contos de José Leite de Vasconcelos*.



profundo dos mitos greco-romanos», como as reflexões de Silvina Rodrigues Lopes ao conduzirem-nos ao centro desse processo dinâmico de «figuração e conceptualização» onde se joga a própria construção do sentido. A ele respondem também as notas de leitura e resenhas críticas que alimentam as *Actualidades do imaginário*.

4

Finalmente, dos traços às figuras, a reflexão move-se e alarga-se, no terceiro espaço (ou rubrica) dos *Cadernos do CEIL*, a outras *Margens* do imaginário, este primeiro número da revista tendo optado por dar voz à narrativa gnóstica (magistralmente introduzida por um dos maiores especialistas portugueses nesta matéria, o Professor Joaquim Carreira das Neves) cujos ecos e modulações, por mais secretos ou discretos que sejam, tiveram (e continuam a ter) um papel importante na nossa concepção do mundo, inscrevendo-se nas entrelinhas do próprio discurso poético de *Merlin* de Robert de Boron (séc. XIII) a Fernando Pessoa.